

A NECESSIDADE DA UNIÃO EPISTEMOLÓGICA GEOGRAFIA FÍSICA – GEOGRAFIA HUMANA: UMA REFLEXÃO

Marina de Fátima Brandão Carneiro¹
marina.carneiro@unimontes.br

Resumo: Atualmente, verifica-se uma grande pluralidade no pensamento e na prática da Geografia, apesar das tentativas de unificação paradigmática das últimas décadas. Sabe-se que, em geografia, não existem sistemas fechados e é falso dizer que a ideia sistêmica é uma ideia positivista. Não é uma ideia totalitária. A geografia tem um caráter interdisciplinar e holístico, oposto à excessiva especialização. Neste sentido, o presente estudo apresenta como tema “a necessidade da união epistemológica Geografia Física – Geografia Humana”, e tem por objetivo refletir sobre a importância desta unificação epistemológica para que a ciência geográfica guarde sua identidade, sua unidade e possa contribuir com análises mais completas e eficientes sobre as relações da sociedade com a natureza e sobre os graves problemas ambientais. A abordagem metodológica privilegiou um estudo analítico-sintético com base no conteúdo da disciplina Evolução do Pensamento Geográfico, ministrada durante o curso de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial – DINTER, realizado na Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, na cidade de Montes Claros – MG, em 2012, além da realização de leituras adicionais de autores que discutem e escrevem sobre o tema.

¹ Profª. Doutoranda – Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial – PUC Minas, Dinter, professora do Departamento de Geociências, do Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual de Montes Claros, Unimontes.

Palavras-chave: Epistemologia. União Geografia Física – Geografia Humana. Identidade da Ciência Geográfica.

THE NEED OF EPISTEMOLOGICAL UNION PHYSICAL GEOGRAPHY – HUMAN GEOGRAPHY: A REFLECTION

Abstract: The currently, there is a great diversity in thought and practice of geography, despite attempts of unification paradigm in recent decades. It is known that, in geography, there are no closed systems and is false to say that the idea is a systemic positivist idea. It's not a totalitarian idea geography has an interdisciplinary character and holistic, opposite to excessive specialization. In this sense, the present study has as its theme “the need of the epistemological union physical geography-human geography”, and aims to reflect on the importance of this epistemological unification to geographical science save your identity, your unit and can contribute with more complete and efficient analysis on relations of society with nature and on the serious environmental problems. The methodological approach has opted analytic-synthetic study based on the contents of the subject Geographic Evolution of Thought, given during the Postgraduate course in Geography - Treatment of Spatial Information – DINTER, held at State University of Montes Claros - Unimontes, in the city of Montes Claros-MG, in 2012, in addition to conducting additional readings of authors who discuss and write about the topic.

Keywords: Epistemology. Union Physical Geography – Human Geography. Identity of Geographical Science.

Introdução

Atualmente a geografia é uma ciência em crescimento e expansão, cuja vitalidade é a pluralidade de abordagens que coexistem em seu interior. Cada abordagem representa “um acréscimo ao instrumental de que dispõem os homens para conhecer melhor suas múltiplas e variadas realidades geográficas” (AMORIM FILHO, 2012), com suas teorias, metodologias e técnicas.

O desenvolvimento e o aperfeiçoamento do ensino da geografia dependem da capacidade, do treinamento e do interesse do professor em buscar sempre melhorar o seu conhecimento sobre a evolução da ciência geográfica. De acordo com Amorim Filho (1982, p. 17),

Cabe ao professor responder ao desafio que representa o ensino da disciplina geográfica na atualidade [...], compatibilizando e operacionalizando a pluralidade de orientações teóricas e metodológicas, as técnicas numérico-cartográficas, uma visão segura do mundo, dos problemas locais e nacionais e o espírito crítico.

Portanto, verifica-se uma grande pluralidade no pensamento e na prática da Geografia, apesar das tentativas de unificação paradigmática das últimas décadas. Na pós-modernidade uma sucessão paradigmática linear não se sustenta. Em geografia não existem sistemas fechados e é falso dizer que a idéia sistêmica é uma ideia positivista. Não é uma ideia totalitária (se uniformizar tudo, não é sistema). A geografia tem um caráter interdisciplinar e holístico, oposto à excessiva especialização.

Neste sentido, este estudo apresenta como tema “a necessidade da união epistemológica Geografia Física – Geografia Humana”, e tem por objetivo refletir sobre a importância desta unificação epistemológica para que a ciência geográfica guarde sua identidade, sua unidade e possa contribuir com análises mais completas e eficientes sobre as relações da sociedade com a natureza e sobre os graves problemas ambientais.

Neste contexto, a abordagem metodológica privilegiou um estudo analítico-sintético com base no conteúdo da disciplina Evolução do Pensamento Geográfico, ministrada pelo professor Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho durante o curso de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial – DINTER, realizado na Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, na cidade de Montes Claros – MG em 2012, além da realização de leituras adicionais de autores que discutem e escrevem sobre o tema.

União epistemológica geografia física – geografia humana

Partindo do pressuposto de que a Geografia é uma ciência que tem como objeto de estudo o espaço geográfico, percebemos que ela é uma “ciência de síntese”, no sentido de que o espaço geográfico compreende tanto os aspectos, fenômenos, elementos, fatores e fatos do ambiente natural (fauna, flora, recursos naturais, clima, relevo, hidrografia, solos, enfim, os elementos do espaço físico da Terra, como um todo), quanto do ambiente humano, ou seja, do homem enquanto ser/indivíduo e social, onde se estabelecem relações sociais, humanas, políticas, econômicas e culturais, que, por sua vez, interage com as relações naturais. Portanto, sendo o espaço geográfico bastante complexo e dinâmico, faz-se necessário, para melhor compreendê-lo e analisá-lo, uma união epistemológica geografia física – geografia humana, e desta forma possibilitar a manutenção da unidade e identidade da ciência geográfica.

Nesse contexto, segundo Amorim Filho (s/d):

Apesar de suas origens antigas a geografia tem um caráter holístico (logo, oposto à excessiva especialização) e fundamentalmente interdisciplinar, na medida em que procede através de sínteses sucessivas de conhecimentos produzidos em diferentes disciplinas e que têm como marca registrada da geografia seu caráter territorial e espacial e, desse modo, a possibilidade de projeção e representação cartográfica, cada vez mais informatizada, graças aos recentes Sistemas de Informações Geográficas (SIG).

Para compreendermos e produzirmos o conhecimento geográfico atual, de forma a contribuir para análises mais completas e eficientes sobre as relações da sociedade com a natureza e sobre os graves problemas ambientais, é fundamental não perdermos de vista a Geografia Clássica, pois ela é a base da geografia como ciência, especialmente a partir do século XIX com Alexander von Humboldt e Carl Ritter quando ocorre a primeira revolução científica em geografia. Com eles as bases teóricas e metodológicas da geografia foram formuladas.

Alexander von Humboldt, naturalista, viajante e explorador, fazia uma geografia de campo, científica, tinha uma visão global, holística e uma capacidade de fazer correlações em todas as escalas e seu método científico era empírico e indutivo e sua geografia era tanto física quanto humana, embora tenha dado grande ênfase à geografia física.

Carl Ritter, historiador e filósofo, fazia uma geografia acadêmica, também holística, desenvolveu um método comparativo quando fez uma geografia da Terra considerada em suas grandes regiões, trabalhou com mesorregiões e fez sua própria cartografia. Ritter se preocupava com processos históricos, regionalizados, ao descrever uma região além do espaço físico, do ponto de vista da ocupação humana e histórica em que os processos culturais são centrais, sua principal obra foi uma geografia geral comparada. Ambos eram influenciados pelas ideias positivistas e pelas ciências naturais e propuseram uma série de princípios para a geografia, os quais se configuram como epistemologia pura.

No final do século XIX e no início do século XX, a geografia clássica alemã começa a ser transformada no interior mesmo da geografia alemã. Dos autores que complementam a Escola Alemã merecem destaque Frederich Ratzel e Alfred Hettner, os quais desenvolveram certas orientações que desembocaram em novas direções paradigmáticas.

Ratzel era geógrafo, pesquisador, jornalista e professor, era determinista, tinha influência de Darwin, foi o pioneiro da geografia humana e da geopolítica. Estudou as características dos diferentes grupos humanos, o conjunto de valores de uma civilização sobrepondo a de outra. Daí uma das razões de dominação ser um conceito ratzeliano. As bases da distinção entre a geografia humana e a geografia física foram fixadas com Ratzel.

Hettner era professor. Com ele solidifica-se uma segunda divisão interna da geografia, uma profunda reação aos fundamentos geográficos fixados por Humboldt e Ritter. Identifica uma geografia geral e uma geografia especial ou regional (“Landerkunde”), com maior ênfase a esta última. Para ele o objeto privilegiado da geografia é o espaço concreto, a paisagem, e a diferenciação regional desse espaço. Desenvolveu também uma geografia cultural.

De acordo com Amorim Filho (2012),

no final do século XIX e durante toda a primeira metade do século XX, uma geografia tipicamente francesa, desenvolvida por Paul Vidal de La Blache e seus discípulos, dominou o cenário da geografia mundial. Trata-se dos famosos estudos de geografia regional, isto é, análises detalhadas de todos os elementos e fatores possíveis que, através de uma interação dinâmica, caracterizam e explicam a personalidade própria de cada região estudada.

A Escola Francesa da Geografia era marcada pelas ideias humanistas, profundamente crítica e conhecida como o “paradigma regionalista da geografia”. Adota um encaminhamento indutivo como metodologia adequada para a geografia, e ideias possibilistas. Desenvolve o estudo da região de forma coesa (conexão): elementos físicos, humanos, econômicos, urbanos, etc (estudo da paisagem). Nos estudos regionais é que se daria a unidade da geografia, análise sistêmica, integrada.

As Escolas baseadas nas orientações do paradigma clássico alemão ou no paradigma regionalista francês: descritivos, regionalista, indutivos, excepcionistas etc, se interagem, são as maiores Escolas de todos os tempos, são completas e formam as bases da Geografia Moderna.

Entretanto, em meados do século XX, houve um retorno do “utilitarismo” da atividade geográfica (típico da geografia primitiva e tradicional, que antecederam a geografia científica do século XIX e início do século XX), com o desenvolvimento da geografia aplicada, para atender às novas exigências da sociedade moderna, industrializada, tecnológica e economicista.

Surgem, também, “sinais de insatisfação com a geografia praticada e ensinada”, e de como:

a organização e os resultados das pesquisas geográficas se distanciavam em termos teóricos e metodológicos da maior parte das outras ciências [...] e que nem sempre forneciam subsídios para uma aplicação prática imediata e a promoção de sua integração em estudos mais amplos. (AMORIM FILHO, 1982, p. 11).

Atualmente, inúmeros e importantes trabalhos ainda são desenvolvidos dentro do paradigma quantitativo, teórico, positivista, sistêmico e especialista que passa a se desenvolver em meados dos anos 1950, mas com mais prudência, pois os excessos e deficiências dessa primeira revolução quantitativa na geografia provocaram uma crise paradigmática. Pouca coisa se fazia no sentido da compreensão dos processos em ação no espaço geográfico.

O início dos anos 1980 foi caracterizado por certa perplexidade dos geógrafos diante da pluralidade de orientações da geografia, uma diversidade de linhas de pesquisas, com o desenvolvimento da Geografia Crítica, da Geografia Humanística, Fenomenológica, Cultural, bem como o retorno da Quantificação em bases mais modernas, com a utilização do Sistema de Informação Geográfica – SIG, de alta tecnologia digital, que possibilitam as análises espaciais com maior eficiência e diversidade de aplicações. No final do século XX e início do novo milênio passam a coexistir uma complexidade e variedade tipológica dos espaços dos geógrafos e de especializações na geografia.

Nesse contexto, a divisão da ciência geográfica em geografia física e humana se tornou mais evidente, especialmente a partir dos anos 1990 e início deste século, com uma intensificação da proliferação de especializações na ciência geográfica. Assim, conforme nos diz MORIN (2005), não se deve descartar a hipótese da existência de um chamado ‘neo-obscurantismo’ generalizado produzido pelo movimento de exacerbação das especializações na ciência. Essas fragmentações são originárias de matrizes filosóficas da modernidade, que pautam a ciência através da compartimentação.

Este fato tem contribuído para uma alienação de grande parte dos geógrafos atuais, pois estes têm perdido a capacidade de fazer análises mais aprofundadas e mais completas dos problemas das realidades econômicas, políticas, sociais, culturais e ambientais, vivenciados e enfrentados pelas sociedades no/do espaço mundial ou mesmo regional e/ou local.

Entretanto, atualmente, verificam-se uma tendência a crescentes tentativas de integração dos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais àqueles físicos, naturais pela ciência geográfica. Conforme Mendonça (2004), a contemporaneidade tem imposto desafios cada vez mais complexos, apontando que as divisões disciplinares não dão mais conta da compreensão da realidade

em sua plena multiplicidade. Neste sentido, recentemente, alguns geógrafos têm tentado recuperar “um olhar mais complexo para a compreensão da realidade, o que sugeriria não apenas a dissolução da divisão entre Geografia Física e Geografia Humana, mas uma superação das estruturas disciplinares, rumando para concepções mais complexas” (MENDONÇA, 2004).

Este ponto de vista já havia sido abordado por Moreira (1991, 1997a apud MOREIRA, 2002) da seguinte forma,

Não mais servem os registros puros de geografia física diante de uma natureza hibridamente socializada. Também não servem os de uma geografia humana pura, diante de uma cultura técnica que tem que dar conta do metabolismo reconsiderado. Não serve mais a velha cartografia.

O atual mundo globalizado passa por uma multiplicidade de crises – do conhecimento, da ciência, da modernidade, do capitalismo, dos problemas ambientais – o que exige um projeto de desenvolvimento sustentável e que atenda os ditames para o século XXI, tais como, uma preocupação com a conservação da natureza e a preservação dos recursos naturais, com a correção dos desequilíbrios regionais, sociais e econômicos, com uma distribuição mais justa da renda e da terra, com um firme combate à pobreza e más condições de vida de grande parcela da população mundial.

Nesta perspectiva, as dinâmicas do meio físico (clima, relevo, biomas, etc.) e socioeconômico (incluindo aspectos da cultura, da política, da produção e circulação de bens e serviços) estão de tal modo integrado que acaba por superar o sentido da divisão de temas entre geografia física e humana.

Ao considerarmos a crise ambiental contemporânea, verificamos que ela requer “de toda a sociedade, e da ciência geográfica em particular, uma reflexão profunda acerca de sua trajetória” (MENDONÇA, 2002, p. 142) e a necessidade de acabar com a divisão, compartimentação do conhecimento geográfico em geografia física – geografia humana, pois é a relação dialética entre eles que dá sustentação ao espaço geográfico, objeto de estudo da geografia, além de contribuir para que a ciência geográfica guarde sua identidade, sua unidade. O mundo atual demanda a produção de um conhecimento

geográfico mais amplo e integrado, inter-relacionado, e que possa contribuir para análises mais completas e eficientes sobre as relações da sociedade com a natureza e sobre os graves problemas ambientais.

Considerações Finais

Hoje, se faz cada vez mais necessário a compreensão de que a Terra é um sistema complexo composto por vários subsistemas (geossistemas) que estão em permanente interação, são interdependentes, tanto entre eles próprios e em relação com as sociedades mundiais. Se um destes subsistemas é afetado por uma intervenção errônea, provoca alterações em todos os outros. A intervenção do homem de forma irracional e descontrolada tem provocado alterações nos componentes terrestres como um todo, e com isto promovido os desequilíbrios que muitas vezes se tornaram irreversíveis, gerando graves problemas no meio ambiente e colocando em risco o futuro da humanidade e da própria Terra.

Daí a grande importância de voltarmos aos clássicos da geografia para buscar os fundamentos básicos da ciência geográfica como uma unidade, e assim recuperarmos a visão holística sobre a Terra, o espaço geográfico e, com isto, possamos contribuir com análises mais completas e eficientes sobre as relações das sociedades com a natureza e os graves problemas ambientais. Para tanto, o caminho é a união da geografia física e a geografia humana.

Referências

AMORIM FILHO, O. B.. A evolução do pensamento geográfico e suas consequências para o ensino da Geografia. Revista Geografia e Ensino. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 5-18, março 1982.

AMORIM FILHO, O. B. “A Evolução do Pensamento Geográfico”. Montes Claros: Unimontes, 2012. Notas de aula.

AMORIM FILHO, O. B. Geografia: síntese. PUC-Minas, s/d. Xerox.

MENDONÇA, F. Geografia socioambiental. In: MENDONÇA, Francisco & KOZEL, Salette. Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea.

Curitiba: Editora da UFPR, 2002.

_____. Geografia socioambiental. In: MENDONÇA, Francisco & KOZEL, Salete. Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea. 2 ed.- Curitiba: Editora da UFPR, 2004.

MOREIRA, R. Velhos temas, novas formas. In: MENDONÇA, Francisco & KOZEL, Salete (Org.). Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea. – Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

MORIN, Edgar. Ciência com consciência. 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

Recebido para publicação em outubro de 2014
Aceito para publicação em novembro de 2014